

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

SELMA LAGERLÖF

O Tesouro



cavalo de ferro

O Presbitério de Solberga

I

Na época em que o rei Frederico II da Dinamarca reinava na província de Bohus, vivia em Marstrand um pobre peixeiro, de nome Torarin. Era um homem pequeno e débil. Tinha um dos braços aleijado, de modo que não conseguia pescar nem mesmo remar. Não podia ganhar o seu sustento no mar, como todos os outros homens do arquipélago e, em vez disso, andava pelas redondezas vendendo peixe seco e salgado às gentes do continente. Ao longo do ano não passava muitos dias em casa, viajando constantemente, de aldeia em aldeia, com a sua carroça de peixe.

Num dia de Fevereiro, quase ao anoitecer, Torarin deslocava-se pelo caminho que ia de Kungshäll em direcção à paróquia de Solberga. O percurso era ermo e estava completamente deserto de gentes, por isso Torarin não precisava de se manter silencioso. Levava consigo, no meio da carga, um amigo fiel, com quem gostava de conversar. Era um pequeno cão preto de pêlo espesso, a que Torarin chamava *Grim*. *Grim* seguia sossegadamente deitado a maior parte do tempo, com a cabeça enterrada entre as patas, e apenas abria e fechava os olhos a tudo o que lhe dizia o dono. Mas, sempre que ouvia algo que não lhe agradava, erguia-se logo na carroça, espetava o focinho no ar e uivava mais do que um lobo.

– Agora vou contar-te, *Grim*, amigo cão, que ouvi hoje grandes notícias – disse Torarin. – Tanto em Kungshäll como em Kareby disseram-me que o mar tinha gelado. O tempo tem estado bom e calmo, e tu, que tens saído todos os dias, bem o sabes; ao que parece, o mar congelou não só nas baías e estreitos, mas até bastante ao largo de Kattegatt. Já não há entre as ilhas trilhos para barcos e navios, só gelo espesso e rijo por todo o lado, de tal modo que se pode ir a cavalo e de trenó até Marstrand e até aos ilhéus de Paternoster.

O cão ouviu tudo aquilo e não pareceu desagradar-lhe. Permaneceu deitado, abrindo e fechando os olhos para Torarin.

– Aqui na carroça já não nos resta muito peixe – disse Torarin de modo quase convincente. – O que me dizes se, na próxima bifurcação do caminho, dermos meia-volta e seguirmos para Ocidente em direcção ao mar? Passamos pela igreja de Solberga, descemos a Ödsmålskil e, depois, acho que de lá até Marstrand não serão muito mais do que duas léguas e meia de caminho. Seria bom poder voltar a casa sem ter de ir de barco ou de *ferry*, nem que fosse uma só vez.

Avançaram através da vasta charneca de Kareby e, embora o tempo tivesse estado sereno durante todo o dia, um vento frio varria a planície, tornando o trajecto desagradável.

– Poderá parecer fraqueza ir para casa, assim a meio do melhor período de trabalho – disse Torarin batendo os braços, por causa do frio –, mas tu e eu já andámos por aí, pelos caminhos, durante várias semanas, e talvez precisemos de estar em casa um par de dias, a aquecer o corpo enregelado.

Dado que o cão permanecia espojado e imóvel, Torarin pareceu mais seguro da sua decisão e prosseguiu num tom mais alegre:

– A mãe tem estado para lá sozinha, na cabana, há vários dias. Já deve sentir a nossa falta. Além disso, Marstrand é esplêndida agora no Inverno. As ruas e as travessas, *Grim*, estão apinhadas de pescadores e de comerciantes forasteiros.

Nos armazéns, junto ao mar, há baile todas as noites. E há cerveja a jorros nas tabernas! Nem podes imaginar.

Dizendo isto, Torarin inclinou-se sobre o cão, para se certificar de que ele o ouvia.

Mas como o cão continuava totalmente desperto, sem mostrar o menor sinal de desagrado, Torarin desviou caminho para Ocidente na primeira saída, na direcção do mar. Estalou a rédea à laia de chicote, fazendo com que o cavalo avançasse ligeiro.

– Já que passamos pelo presbitério de Solberga – disse Torarin –, pelo sim pelo não, vou entrar e assegurar-me se há gelo até Marstrand. Lá devem estar a par disso.

Torarin falara em voz baixa, sem pensar se o cão o ouvia ou não. Mas, mal pronunciara as últimas palavras, já o cão se erguia dentro da carroça e soltava um uivo tremendo.

O cavalo deu um salto para o lado e até Torarin se assustou. Voltou-se para trás para ver se vinham lobos a persegui-lo, mas, quando se apercebeu de que tinha sido *Grim* que uivara, tentou acalmá-lo.

– Meu bom amigo – disse-lhe –, quantas vezes não fomos já, tu e eu, ao presbitério de Solberga? Não sei se Herr Arne tem alguma informação sobre o gelo, mas de uma coisa estou certo: é que ele nos dará um bom jantar, antes de iniciarmos o nosso trajecto marítimo.

Contudo, as palavras dele não conseguiram acalmar o cão, que espetou o focinho uivando cada vez mais intensamente.

Não demorou muito até que Torarin se sentisse com um péssimo ânimo. Apesar de já ter escurecido quase totalmente, conseguiu vislumbrar a igreja de Solberga e a vasta planície em redor, protegida do lado da terra por extensas e altas massas de bosque e do lado do mar por morros despidos. Ali, no meio da vastíssima planície branca, por onde avançava completamente só, sentia-se como um bicho rastejante, pequeno e insignificante, enquanto dos bosques negros e dos morros

desertos assomavam bichos enormes e gnomos de todas as espécies, que se afoitavam a sair em terreno aberto depois do cair da noite. E em toda a charneca não havia mais ninguém sobre quem pudessem lançar-se, senão o pobre Torarin.

Entretanto, ele tratava de tentar acalmar o cão.

– Amigo cão, que tens tu contra Herr Arne? Ele é o homem mais rico da terra. É de alta estirpe e se não se tivesse tornado padre teria vindo a ser um grande senhor.

Mas nem mesmo com este argumento conseguiu calar o cão. Então, a paciência de Torarin esgotou-se, de modo que pegou no cão pela pele da nuca e atirou-o para fora da carroça.

O animal não o seguiu quando ele continuou a sua marcha; em vez disso, permaneceu imóvel no meio do caminho, uivando, até Torarin ter entrado por um portal escuro que dava acesso ao adro do presbitério, o qual estava rodeado por quatro longas filas de casas baixas de madeira.

II

Arne, o padre, estava sentado no presbitério de Solberga, degustando a sua refeição da noite, rodeado por todo o seu pessoal doméstico. Não havia quaisquer outros forasteiros além de Torarin.

O padre era um homem idoso e de cabelo branco, mas conservava ainda as suas forças e o seu porte. A seu lado estava sentada a sua mulher, a quem, pelo contrário, os anos haviam maltratado. Tremiam-lhe as mãos e a cabeça, e havia ensurdecido quase totalmente. Do outro lado de Herr Arne estava sentado o seu coadjutor, um jovem pálido e de aspecto preocupado, como se não lhe tivesse sido possível carregar todos os ensinamentos que acumulara ao longo de um ano de estudos em Wittenberg.

Estas três personagens estavam sentadas à cabeceira da mesa, como que um pouco à parte. A seguir a eles, estava sentado Torarin e depois os serviçais. Também estes eram gente idosa. Havia três criados de lavoura, que eram calvos, tinham as costas encurvadas e os olhos piscos e aguados. As criadas não eram mais do que duas, porém um pouco mais novas e desembaraçadas do que os homens, não obstante tivessem uma aparência débil e bem marcada pelos achaques da velhice.

No outro extremo da mesa, estavam sentadas duas crianças. Uma delas era a neta de Herr Arne, que não teria mais de catorze anos. Tinha o cabelo claro, os membros fracos e o rosto não tinha amadurecido ainda, mas deixava antever que poderia vir a tornar-se uma beldade. Tinha junto de si uma outra donzela, uma pobre órfã de pai e mãe que sempre vivera no presbitério. Estavam sentadas muito juntas, o que deixava perceber a grande amizade que havia entre elas.

Todas estas personagens comiam no mais profundo silêncio. Torarin olhava para um e para outro, mas ninguém mostrava vontade de falar durante a refeição. Os idosos pensavam para si: «Já é uma grande coisa ter comida e não necessitar de passar fome ou privações, como ao longo da vida já passámos muitas vezes. Enquanto comemos, não deveríamos pensar em mais nada do que em agradecer a Deus pela Sua bondade.»

Dado que Torarin não tinha ninguém com quem conversar, o seu olhar vagueava pela sala, de um lado para o outro. Passeava os olhos do grande fogão de sala, ao fundo, junto à porta de entrada, cuja parede estava construída em muitas secções, até ao alto leito de dossel, que se erguia no canto mais recôndito da sala. Olhava para os bancos corridos, fixos à volta da sala, ao longo das paredes, e daí para o buraco da chaminé, aberto no telhado, por onde se escoava o fumo e penetrava o frio do Inverno.

Enquanto o peixeiro Torarin, que vivia no casebre mais pequeno e mais pobre do arquipélago, olhava para tudo

aquilo, pensava para si: «Se eu fosse um homem importante, como Herr Arne, não me contentaria em viver num casarão velhíssimo, com uma só sala. Mandaria construir uma casa com empenas altas e muitas salas, tal como fazem os burgomestres e os conselheiros lá em Marstrand.»

Mas para onde Torarin mais lançava os olhares era para uma grande arca de carvalho, que estava aos pés da cama de dossel. Olhava para ela com tanta insistência porque sabia que era lá que Herr Arne guardava todas as suas moedas de prata. E ele tinha ouvido dizer que eram muitas, tantas que enchiam a arca até aos bordos.

Ora Torarin, que era tão pobre que quase nunca tinha uma moeda de prata no bolso, dizia de si para si: «Apesar de tudo, eu não queria ter aquelas moedas. Dizem que Herr Arne as retirou dos grandes mosteiros que dantes havia aqui na terra e que os monges profetizaram que essas moedas iriam trazer-lhe desgraça.»

Precisamente quando Torarin se entregava a estes pensamentos, viu a velha dona da casa pôr a mão atrás da orelha, como para ouvir melhor, depois do que se virou para Herr Arne e lhe perguntou:

– Porque estão afiando facas em Branchög?

Havia na sala tamanho silêncio que, quando a anciã fez esta pergunta, todos estremeçeram e ergueram os olhos, apavorados. Quando viram que ela estava a tentar escutar qualquer coisa, mantiveram as colheres imóveis e esforçaram-se por ouvir.

Durante instantes fez-se na sala um silêncio de morte, mas entretanto a anciã ia ficando cada vez mais inquieta. Pousou a mão no braço de Herr Arne e insistiu:

– Não sei porque estão a afiar facas tão compridas, esta noite, em Branchög.

Torarin viu Herr Arne acariciar-lhe a mão, para a sossegar, mas não se dando ao trabalho de lhe responder, continuando a comer tão calmamente como antes.

A anciã continuou sentada, escutando. Vieram-lhe aos olhos lágrimas de pavor, as mãos e a cabeça tremiam-lhe cada vez mais impetuosamente.

Então, as jovens donzelas, que estavam sentadas na ponta da mesa, também começaram a chorar de ansiedade.

– Não ouvis como raspam e afiam? – perguntou a anciã.
– Não ouvis como assobiam e chamam?

Herr Arne permanecia sentado e imóvel, afagando apenas a mão de sua mulher. Enquanto ele se manteve calado ninguém mais ousou pronunciar uma palavra.

Porém, todos acreditavam que a velha anfitriã ouvira algo aterrador e funesto. Todos sentiam como o sangue se lhes gelava nas veias. Naquela mesa não havia ninguém que levasse à boca um pedaço de comida, excepto o próprio Herr Arne.

Pensavam que sempre fora a velha dona da casa quem, durante muitos anos, cuidara do lar, quem sempre ficara em casa, no presbitério, e quem com sabedoria e carinho cuidara das crianças e da criadagem, dos bens e do gado, para que tudo prosperasse. Agora estava gasta e envelhecida, no entanto, era de supor que ela, mais do que qualquer outra pessoa, pudesse aperceber-se de quando um perigo ameaçava a casa.

A anciã estava cada vez mais aterrorizada. Apertava as mãos e, na sua impotência, começou a chorar tão convulsivamente que as lágrimas lhe escorriam grossas pelas faces mirradas.

– Não me perguntas porque estou tão assustada, Arne Arnesson? – queixou-se ela.

Herr Arne inclinou-se então na sua direcção e disse:

– Não sei o que te amedronta.

– Tenho medo das facas longas que estão afiando em Branchög – respondeu ela.

– Como consegues ouvir que estão afiando facas em Branchög? – perguntou-lhe Herr Arne, sorrindo. – O presbitério fica a uma meia légua de distância de lá. Volta a pegar na colher e vamos terminar o nosso jantar!

A anciã tentou dominar o seu terror. Voltou a pegar na colher e levou-a à tigela do leite, mas tremia-lhe tanto a mão que todos puderam ouvir a colher a fazer ruído contra o bordo. Voltou a pousá-la imediatamente.

– Como posso comer... – desculpou-se ela – ... se estou a ouvir como chium? Se estou a ouvir como afiam?

No mesmo instante, Herr Arne afastou de si a tigela do leite e apertou as mãos uma contra a outra. Todos os outros fizeram o mesmo. E o coadjutor começou a dar as graças.

Quando isto terminou, Herr Arne olhou para os que estavam sentados na outra ponta da mesa e, ao notar que estavam pálidos e assustados, encolerizou-se.

Começou a falar-lhes dos tempos em que acabara de chegar à província de Bohus para pregar a doutrina luterana. Nessa época, ele e os seus criados tinham tido de fugir dos papistas que perseguiram os dissidentes.

– Não vimos os inimigos prepararem-nos emboscadas, quando fechámos a casa de Deus? Não fomos expulsos do presbitério e não nos vimos obrigados a refugiar-nos nos bosques, como proscritos? É próprio de nós sentirmo-nos desamparados e perdermos o ânimo por causa de um mau presságio?

Enquanto falava, Herr Arne dava a imagem de um lutador e todos os restantes recobram o ânimo ao ouvi-lo.

«É verdade», pensavam eles. «Deus sempre protegeu Herr Arne dos maiores perigos. Ele conserva sobre ele a Sua mão protectora e não permitirá que o Seu servo seja aniquilado.»

III

Assim que Torarin voltou a sair, o cão *Grim* foi ao seu encontro, saltando para cima da carroça. Ao ver que o cão esperara fora do presbitério, Torarin agastou-se de novo.

– Amigo cão, porque ficaste aqui junto ao portão durante todo o serão? Porque não entraste e jantaste qualquer coisa? – perguntou-lhe. – Será que algo mau está para acontecer a Herr Arne? Será talvez esta a última vez que o vejo? Mas até um lutador com tanta fibra como ele terá de morrer algum dia. Afinal, está perto dos noventa anos.

Conduziu o cavalo por um caminho que passava por Branchög e descia até Ödsmålskil.

Quando chegou a Branchög viu que havia trenós no pátio e que através dos postigos na parede, mesmo fechados, se escoavam raios de luz.

Torarin disse então a *Grim*:

– Aqui ainda há gente a pé. Vou entrar e perguntar se esta noite estiveram a afiar facas aqui na herdade.

Fez entrar a carroça no pátio, mas quando abriu a porta da casa viu que havia festim. Nos bancos corridos ao longo das paredes estavam sentados homens idosos bebendo cerveja, e as crianças andavam pelo chão, brincando e cantando.

Torarin percebeu imediatamente que ali ninguém tinha a menor intenção de preparar armas para perpetrar qualquer crime. Fechou a porta e ia seguir o seu caminho quando o dono da casa veio no seu encalço. Pediu-lhe que ficasse, já que tinha ido até ali, e puxou-o para dentro de casa.

Torarin ficou sentado um bom bocado, muito a gosto, a falar com os camponeses. Estes estavam bastante bem-dispostos e Torarin ficou contente por poder afastar do espírito todos os maus pensamentos.

Porém, nessa noite, Torarin não foi o único a chegar tarde ao banquete. Muito depois dele, apareceram à porta um homem e uma mulher. Vinham modestamente vestidos e instalaram-se ao canto, tímidos, entre a porta e o fogão.

O anfitrião foi imediatamente ter com os dois visitantes, pegou-lhes pela mão e conduziu-os para a sala. Depois disse aos restantes:

– Não é verdade, tal como se diz, que os que seguem pelo caminho mais curto são os últimos a chegar? Estes são os meus vizinhos mais próximos. Não há outros lavradores além deles e de mim aqui em Branchög.

– O melhor é dizeres que não há mais nenhum além de ti! – disse o homem. – Não está certo que me chames lavrador. Não sou mais do que um pobre carvoeiro, a quem tu autorizaste que construísse na tua terra.

O homem sentou-se junto de Torarin e começaram a conversar. O recém-chegado contou a Torarin a razão por que chegara tão atrasado ao festim. Tinha tido forasteiros em casa, que não se atrevera a deixar sós. Eram três oficiais curtidores que lá tinham estado todo o dia. De manhã, quando chegaram, estavam exaustos e doentes. Disseram-lhe que tinham andado perdidos no bosque uma semana inteira. Mas, depois de terem comido e dormido, rapidamente recobram forças e à noite perguntaram qual era a herdade maior e mais rica das redondezas. Era lá que queriam dirigir-se para procurar trabalho. Sua mulher respondera-lhes que o presbitério, onde vivia Herr Arne, era o lugar mais distinto. Então trataram logo de tirar dos seus bornais enormes facalhões, que começaram a afiar. Com isto se haviam ocupado um bom bocado, mostrando-se entretanto tão ferozes que o carvoeiro e sua mulher não se atreveram a sair de casa.

– Ainda os vejo sentados, diante de mim, fazendo chiar as suas facas – disse o homem. – Tinham um aspecto medonho, grandes barbas, como se não as tivessem cortado ou cuidado há muitos dias, e traziam vestidos sobretudos de pele felpuda, sujos e esfarrapados. Julguei tratarem-se de três lobisomens que haviam entrado em minha casa. Fiquei contente quando eles, finalmente, se puseram a andar.

Ao ouvir isto, Torarin contou ao carvoeiro o que ele mesmo presenciara no presbitério.

Na pequena cidade costeira de Marstrand, os habitantes perguntam-se o que se passa com a natureza: o mar congelou até ao largo e já não há passagem para barcos e navios, só gelo espesso e rijo por todo o lado.

Três soldados, mercenários escoceses, aguardam que a galeação que os levará de regresso a casa desencalhe para partirem com um misterioso baú. Um deles, Sir Archie, fidalgo elegante, sente-se estranhamente atraído por Elsalill, uma pobre órfã e única sobrevivente dos assassinos que mataram todos com quem vivia no presbitério de Solberga, incluindo a sua pequena irmã adoptiva. Dividida entre o desejo de vingança e o amor que sente por Sir Archie, Elsalill não se apercebe, porém, de que a sua vida corre outra vez perigo.

Publicado originalmente em 1904, pouco antes de *A Maravilhosa Aventura de Nils Holgersson através da Suécia*, com o qual partilha vários elementos do fantástico, *O Tesouro*, ambientado na Suécia do século XVI, é uma história de fantasmas, de vingança e justiça sobrenatural, um romance inovador e moderno, que subverteu o género gótico, lançando temas precursores à época, como o do feminismo.

«*O Tesouro* é uma pérola da narrativa curta.
É a história de um amor ameaçado pela moral
e por um fantasma que chora pedindo vingança.»

José Riço Direitinho, Público

«Um romance fantasmagórico, um conto de fadas cheio de intriga
e de *suspense*, de paixões proibidas e de uma justiça superior
que se sobrepõe a tudo.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavalodeferro

penguinlivros

ISBN 9789897870798



9 789897 870798 >